

***Fazer Educação, Fazer Política: Linguagem, Resistência e Ação*, de Eunice Macedo (Org.)  
Porto: Publidisa (Legis Editora), 2014. 166 p. (Querer Saber, 5).**

**Thiago Valim Oliveira**

Mestrando em Educação pelo PPGE da Universidade Nove de Julho.

São Paulo, SP – Brasil.

[thiagovalim.oliver@hotmail.com](mailto:thiagovalim.oliver@hotmail.com)

Sendo o quinto livro da coleção “Querer Saber”, a obra *Fazer Educação, Fazer Política: Linguagem, Resistência e Ação* é organizada por Eunice Macedo, membro do Instituto Paulo Freire de Portugal.

O livro é dividido em três partes, sendo que na parte um (*Fazer Educação, Fazer Política: Transformar o trabalho educativo com jovens em tempos de ‘crise’ social*), abre a discussão com o artigo *Fazer Política por Outros Meios*, de Isabel Menezes, onde ela contesta o discurso do senso comum de que os jovens de hoje não participam mais de ações políticas. Segundo a autora, eles participam, só que de outras formas, não mais se filiando a partidos políticos como antigamente. Para se compreender esta questão, é necessário que o pesquisador tenha um olhar mais flexível, sensível e aberto à complexidade dos fatos.

O segundo artigo, *Universidade Popular no Brasil*, escrito por José Eustáquio Romão, juntamente com Adriana Salette Loss, discute o papel da universidade frente às necessidades sociais, enfatizando que tal instituição não deve apenas sugar teoricamente os substratos da crise social, mas também procurar por mudanças, desconstruindo os modelos excludentes, ultrapassados, hegemônicos, capitalistas e elitistas. Para isso, apresentam como exemplo a Universidade Federal da Fronteira Sul, que visa promover o ser humano e os espaços sócio-geográficos mais esquecidos pela classe dominante.

Em *Práticas que ensaiam caminhos: Inovações e Mobilização Social pela Educação - ‘Somos todos pequenas borboletas’*, de Fátima Antunes, a autora apresenta alguns projetos que visam à integração de crianças e jovens em condições adversas, desvalorizados pela ordem do capital, partindo de práticas baseadas na igualdade de oportunidades e organizadas em pilares

básicos de qualidade, que são: o científico, o técnico e o humanístico ao nível de conteúdos e de métodos. Antunes enfatiza a necessária parceria entre a escola, a família e a sociedade em geral e a importância de uma formação que reconheça e valorize as identidades, capacidades e diferenças individuais de cada educando, mantendo viva a chama da esperança.

Na segunda parte (*Fazer Educação, Fazer Política: Cidadania, pedagogia e a linguagem freiriana*), iniciada com o artigo *Ser ‘Sujeito Inteiro’ em Educação: das Possibilidades de Cidadania Educacional*, de Eunice Macedo, Nick Clough e de Helena C. Araújo, analisa-se o curso intensivo Erasmus “Education for Sustainable Development”, que integrou jovens universitários de diversos países e cursos superiores diferentes, no intuito de promover discussões para se desenvolver outras formas de educação e socialidade, amparadas numa lógica de alteridade, diferença e promoção de sociedades mais justas e sustentáveis.

Em seguida, Antonio João Manfio e João Martins Manfio, no texto *Pedagogia Freiriana e da Alternância na Formação da Consciência Ecopedagógica*, debatem filosoficamente sobre a questão de valores como a simplicidade em contraposição à ostentação, que devem nortear a promoção de uma Ecopedagogia em prol da justiça e da manutenção da vida na Terra, pressupostos também contemplados pela Pedagogia da Terra, pela Pedagogia da Alternância (que valoriza as experiências e o contexto do educando) e a pela própria Pedagogia de Paulo Freire.

No terceiro texto, intitulado *Importância da Linguagem Freiriana na Educação Emancipadora*, de Sérgio Simões, abordam-se os neologismos que Paulo Freire usava para dar mais expressividade e força ao seu discurso libertário-educativo, ao usar uma linguagem dinâmica com várias expressões adverbiais e com uma carga semântica mais intensificada, a fim de reforçar o perigo das práticas opressoras e assistencialistas que podem ser superadas por meio de uma educação problematizadora, alavancada a partir das culturas populares.

David Rodrigues inaugura a terceira parte do livro (*Fazer Educação, Fazer Política: Desafios na formação de professores*), com sua crítica em *Os Desafios da Equidade e da Inclusão na Formação de Professores: Uma Agenda de Mudanças*, refletindo sobre a igualdade, a desigualdade e a diferença, sendo que esta última tem sido usada para justificar as desigualdades (opressões veladas). Assim, a equidade não deve se dar apenas nas questões

curriculares, mas principalmente nos valores que norteiam o trabalho pedagógico, desnaturalizando o modelo dual e excludente de escola.

Em *Formação de Professores Para a Educação Infantil: Por uma Pedagogia da Infância no Ensino Superior*, os autores Eduardo Santos, Lígia Vercelli e Roberta Stangherlim apresentam a proposta de uma formação de educadores da infância baseada nos pressupostos freirianos – libertadores, emancipadores e de caráter popular. Para isso, tanto a elaboração de políticas públicas quanto a formação docente devem ser feitas de forma criteriosa, coletiva e democrática, de modo a que o educador da infância alie o educar ao cuidar, por meio de uma pedagogia que dê vez e voz aos sujeitos.

Finalizando, Francisca Severino, no seu texto *Crítica às Formas de Distribuição das Responsabilidades e dos Recursos Públicos nas Políticas Educacionais: Contribuições de Freire e Gramsci*, trata sobre as implicações à educação decorrentes da crise do Estado brasileiro, que são resultado de pretensões internacionalizadoras neoliberais, que promovem uma hegemonização cultural e tem o Estado Nação como entrave. Nesse sentido, a escola e o educador têm um importante papel, que é o de superar as desigualdades e contradições resultantes desse processo, engajando intelectuais orgânicos que lutem para garantir uma formação humana de qualidade social.

Escrito de forma bem articulada, tendo como cerne os sólidos e amorosos fundamentos das teorias de Paulo Freire, o livro demonstra o talento e o elevado grau de sapiência e habilidade acadêmica de seus autores. Ainda que as temáticas, à primeira vista, pareçam ser heterogêneas, entrecruzam-se nas veredas de uma ampla análise sobre o fazer educacional, que é político por natureza, tratando de questões que vão desde a educação infantil ao ensino superior, desocultando problemáticas e inspirando o leitor a refletir sobre a sua participação política em prol de uma sociedade e de uma educação melhor para todos.